

DIALETO PAJUBÁ: MARCA IDENTITÁRIA DA COMUNIDADE LGBTQIA+

Vanessa Mirele dos Santos Nascimento¹

Nazarete Andrade Mariano²

Cosme Batista dos Santos³

Resumo: O presente estudo traz como tema uma discussão sobre língua e identidade, com foco no dialeto pajubá falado pelo grupo LGBTQIA+. Acorando-se na seguinte indagação: como o pajubá corrobora na construção das marcas identitárias dos seus falantes; com a finalidade de compreender o pajubá como dialeto colaborador na construção das marcas de identidades dos falantes. Justificando-se, pela necessidade de averiguar como uma comunidade de fala, constrói suas marcas identitárias a partir da linguagem utilizada. Para embasar a pesquisa, foram utilizados teóricos como Kathryn Woodward (2000), e Stuart Hall (2006), que abordam o tema identidade na pós-modernidade e teóricas que discorrem sobre a principal fonte do pajubá, o lorubá: Castro (2005) e Alves (2017), que tratam da presença das Línguas Africanas

¹ Graduanda em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade de Pernambuco (UPE/Campus Petrolina). Endereço eletrônico: vanessag8mi@gmail.com.

² Nazarete Andrade Mariano. Msa. Pelo programa de Crítica Cultural na área de letras/linguística aplicada, profa. Assistente na Universidade de Pernambuco Campus Petrolina/Pernambuco, Brasil. Doutoranda no Programa de pós-graduação em Crítica Cultural- Doutorado em Crítica Cultural — linha 2 — Letramento, identidade e formação de educadores. Endereço eletrônico: nazarete.mariano@upe.br.

³ Pós-doutor em Ciência da Informação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e Estágio Sênior/CAPES em Lexicoturologia pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), de Braga. Doutor e mestre em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP. Possui graduação em Letras pela Universidade de Pernambuco — UPE (1992). Endereço eletrônico: cosmebs.santos@gmail.com.

no Brasil. A metodologia utilizada foi a qualitativa com caráter exploratório visando à necessidade de se ter mais pesquisas sobre comunidades de fala como a LGBTQIA+. Utiliza-se também a pesquisa-ação que visa a mudança nas atitudes, pois acredita-se que, assim, poderá ser dada uma visibilidade acadêmica a esta comunidade que, ainda, sofre com preconceito e violência. Com as interpretações feitas, percebe-se que os sujeitos da pesquisa consideram que o pajubá é uma marca identitária da comunidade; é uma expressão própria do grupo que os diferenciam de outras comunidades de fala. Este estudo é de suma importância, pois, ainda, há pouco estudo na área e se faz necessária a investigação de diferentes dialetos dentro do Brasil para entender os contextos de línguas no Brasil.

Palavras-Chave: Pajubá. Marcas de identidade. Desconstrução. Resistência.

DIALETO PAJUBÁ: IDENTITY MARK OF THE LGBTQIA+ COMMUNITY+

Abstract: The present study brings as its theme, a discussion on language and identity, with a focus on the Pajubá dialect, spoken by the LGBTQIA+ group. Based on the following question: how does pajubá contribute to the construction of the identity marks of its speakers. In order to understand pajubá as a dialect that contributes to the construction of the identity marks of the speakers. It is justified by the need to investigate how a speech community constructs its identity marks based on the language used. To support this research, we used theorists such as Kathryn Woodward (2000) and Stuart Hall (2006), who discuss the theme of identity in post-modernity. And theorists who discuss the main source of pajubá, the Yoruba language: Castro (2005) and Alves (2017),

who deal with the presence of African languages in Brazil. The methodology used was qualitative with an exploratory nature aiming at the need for more research on speech communities such as LGBTQIA+. We also used action research that aims to change attitudes, because we believe that this will give academic visibility to this community that still suffers with prejudice and violence. With the interpretations made, it can be seen that the research subjects consider pajubá to be an identity mark of the community; it is an expression of the group that differentiates them from other speech communities. This study is of the utmost importance, since there are still few studies in the area and it is necessary to investigate different dialects within Brazil in order to understand the contexts of languages in Brazil.

Keywords: Pajubá. Identity marks. Deconstruction. Resistance.

Introdução

O presente trabalho aborda o dialeto pajubá numa perspectiva anelar um processo de construção das marcas identitárias dos seus falantes, o grupo LGBTQIA+, considerando a característica de variação de uma língua e a mesma como caracterizador de um povo. É sabido que a história humana se confunde com o surgimento de palavras, das linguagens de línguas que, vão aparecendo e desaparecendo, confirmando a sua característica de mudança, especialmente, de que seres humanos são seres de linguagem. Podemos dizer que as palavras são postas em diferentes contextos e corroboram no ato da comunicação. Dentro de uma língua maior, encontram-se diferentes tipos de linguagens. Entre elas estão os dialetos, que são marcas linguísticas utilizadas por grupos específicos de falantes de uma mesma língua, existem vários tipos de dialetos, o caipira, o nordestino, o

sulista entre outros. Como mencionado, dialeto aqui estudado é o pajubá, ou língua das travestis⁴ ou das trans.⁵

Esse dialeto está presente na comunidade de fala LGBTQIA+⁶, e os termos usados são oriundos, principalmente, de línguas africanas que, fora do contexto religioso, foi aderido aqui no Brasil, principalmente, por esse grupo, sendo usado como forma de socialização. Posto isso, autores discorrem que a língua, juntamente com o contexto cultural e social dos falantes também é caracterizada como agente auxiliar na construção de identidades sociais desses falantes. Ao longo dos anos, a violência contra pessoas LGBTQIA+ aumentou no país, e isso acontece em consequência de a lgbtfobia está enraizada na sociedade. A cada 20 horas, ocorre uma morte por lgbtfobia, e os travestis e transexuais são os que mais sofrem. Portanto, é demasiada a importância de pesquisar temas que estão nos entornos de grupos como esses, que, ainda é, social e cientificamente, invisibilizado.

Dito isso, surge o questionamento: como o pajubá corrobora na construção das marcas identitárias dos seus falantes, sabendo-se que esse grupo ressignificou o uso de termos, que já eram utilizados por outras comunidades de fala, o próprio povo lorubá na África e as religiões de matrizes africanas presentes no Brasil. Levando isso em consideração, cabe ainda às seguintes indagações: de que modo o pajubá se caracteriza dialeto? De qual maneira essa comunidade

⁴ Travesti homossexual que se veste e se comporta como mulher. Este termo pode ser compreendido também como antecessor do termo transsexual, é comumente utilizado pelas classes mais baixas e marginalizadas.

⁵ Transsexuais – A pessoa transsexual tem uma expressa não-conformidade com o gênero designado no nascimento, ao mesmo passo que se identifica com o oposto. Mulheres e homens transsexuais empreendem mudanças no corpo para se sentir no gênero adequado.

⁶ LGBTQIA+ é a sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Interssexual, Assexual e o + se refere à outras identidades de gênero. (queer – quem transita entre os gêneros feminino e masculino, e mesmo em outros gêneros fora da binaridade masculino-feminino. Transgênero – pessoas que se identificam com um gênero diferente do que foi designado no nascimento.

teve acesso aos termos que compõem seu vocabulário? Essas questões são pilares norteadores para a relevância dos resultados aqui apresentados, considerando sua importância para a validação dos dados investigados, com isso, evidenciar quem são os falantes dessa comunidade.

Diante disto, o objetivo geral do trabalho é compreender o Pajubá como dialeto colaborador na construção das marcas de identidades dos falantes, o grupo LGBTQIA+. E especificamente, investigar como esse dialeto age auxiliando na construção das marcas identitárias desses falantes. Identificar os dados coletados e refletir sobre a relação: língua e identidade. Para isso, foram trazidos como base os estudos teóricos: Görski e Coelho (2010), discorrendo sobre os dialetos. Cezario e Votre (2008), que abordam a sociolinguística. Os estudos de Kathryn Woodward (2000), e Stuart Hall (2006) sobre identidade e diferença e a identidade na pós-modernidade, considerando as inferências do contexto social e cultural do sujeito e a construção de novas identidades. Para discorrer sobre a principal fonte do pajubá, a Língua lorubá, foram utilizadas as autoras Castro (2005) e Alves (2017), que abordam a influência das Línguas Africanas na Língua Portuguesa Brasileira e um pouco da sua origem e percurso desde a África até o Brasil.

A compreensão do contexto social e cultural é de suma importância para esse tipo de pesquisa. No caso deste artigo, busca-se compreender o contexto social e cultural de um grupo (LGBTQIA+) por meio de um dialeto, que ressignificou a cultura de outro grupo (Grupos religiosos de matrizes africanas).

Este estudo se justifica pelo fato de ser de suma importância entendermos como a Língua Materna é utilizada, juntamente com outras línguas, em diferentes contextos sociais, bem como esse uso auxilia diretamente nas mudanças que podem ocorrer futuramente dentro da língua maior, no caso deste trabalho, o Português do Brasil, além de como a língua

age como um dos componentes fundamentais na construção de marcas identitárias. Além disso, a área escolhida para ser abordada, ainda necessita de mais pesquisas e conhecimento sistematizado.

Pressupostos teóricos

No tópico que segue, será feita uma abordagem sobre a sociolinguística, a relação entre identidade e língua e sobre os dialetos, a fim de refletir sobre os conceitos aqui expostos.

Os estudos da sociolinguística: a relação com o pajubá

Como supracitado, dentro de uma língua, existem variações. A área de estudo que explica essas variações é sociolinguística, que é responsável por estudar a língua em seu uso real, levando em consideração, além da estrutura linguística, os aspectos sociais e culturais do falante: “A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística” (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141). A sociolinguística surge como uma força para desconstruir a ideia de “jeito certo” e “jeito errado” de falar, e também para desmistificar a ideia de que a língua constitui uma unidade homogênea. Bagno (2008) discute que a Língua Portuguesa Brasileira, ao ser colocada como homogênea, prejudica o processo de reconhecimento da diversidade do Português falado no Brasil. A língua é um componente diverso, carregado de subjetividade e identidades, não deve ser imposta a uma posição de unificação, pois isso apaga as variantes, muitas vezes, consideradas, equivocadamente, “erradas”. O autor argumenta ainda que “As graves diferenças de status social implicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes” (BAGNO, 2008, p. 16). Esse abismo linguístico corrobora com a manu-

tenção do preconceito linguístico, fortemente presente no Brasil.

Nesse sentido, Bagno (2008, p. 20) nos esclarece que “a língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo”. A língua e suas variantes seguem o fluxo do mar para além de questões normativas; traz em seu oceano, entre tantas coisas, as variações, seus dialetos e suas influências de outras línguas, a exemplo do dialeto Pajubá, que evidencia uma carga de subjetividade também inerente ao contexto de uso, um dialeto que compõe modos de construção de marcas identitárias de sujeitos subalternizados socialmente.

Segundo Hall (2006), existe, dentro das línguas, um *devir*; todas as palavras têm um antes e um depois. Carregam em si ecos de outras gerações que as colocaram em movimento. Concomitante a isso, a língua está em um movimento constante no qual as palavras mudam, surgem e somem. Esse movimento está relacionado ao processo de interação das pessoas, mas também de imposição de uma variante dominante em detrimento a outras variantes utilizadas interlocutores subalternizados. A partir disso, surgem as variações. Entre elas podem-se citar, a variante padrão, considerada a “correta”, a variante não padrão, aquela falada em situações informais ou por pessoas com pouco ou nenhum estudo, entre outras variantes que são provenientes de cada grupo social existente em uma sociedade. A noção de *devir* dialoga com o pensamento interacionista da língua, especialmente, no dialogismo bakhtiniano de que eu existo à medida que o outro existe. Assim, o *devir* é essa dupla captura do ir e vir. Uma relação do olhar do outro em mim, e o meu olhar para com o outro, assim, pelo processo de interação dialógica, reconhecemos as marcas de identidades tanto pelas semelhanças quanto pelas diferenças. Bakhtin (1997 *apud* MIOTELLO, 2008, p. 172) no capítulo “Ideologia” no livro “Bakhtin: conceitos-chaves” afirma que:

Até mesmo as menores e efêmeras mudanças sociais repercutem imediatamente na língua; os sujeitos interagentes se inscrevem nas palavras, nos acentos apreciativos, mas entonações, na escola dos índices de valores, comportamentos ético-sociais, as mudanças sociais. As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra figura em contextos diversamente orientados (MIOTELLO, 2008, p. 172).

O falante, por esse viés, é capaz de adequar a sua linguagem a cada situação comunicativa em que está inserido. Em alguns casos o envolvimento desses falantes pode ser tão íntimo criando vínculo de proximidade a ponto que esse fato pode gerar uma “subcomunidade” linguística. E é nessa posição que se encontra o dialeto. Os dialetos são variações existentes dentro de determinada língua:

Em sociedades diversificadas como a nossa existem, então, várias normas: a norma linguística dos pescadores de determinada região, a norma linguística das comunidades rurais, a norma linguística dos moradores do morro, e assim por diante. No caso de um estudo sistematizado desses falares, teríamos, ao contrário das regras prescritivas da gramática normativa, regras descritivas formuladas a partir do uso linguístico. Assim, diferentes comunidades de fala, nos termos da definição abaixo, apresentam diferentes normas linguísticas, ou variedades, ou dialetos (GÖRSKI; COELHO, 2010, p. 79).

Possenti (1996, p. 33), argumenta que as variações linguísticas resultam das variações sociais de uma comunidade, uma vez que, dentro de uma sociedade, existem camadas sociais diferentes, e essas diferenças se refletem na língua. Posto isso, é correto afirmar que assim como em outros grupos da sociedade, o LGBTQIA+ construiu seu próprio modo de se comunicar entre si, levando em consideração a sua

posição social e como isso de certa maneira implica em exclusão, criou sua própria linguagem. O autor diz ainda, que existem dois fatores que causam essas variações, os fatores externos à língua e os internos. No caso do grupo desta pesquisa, o fator que influenciou a criação das variantes foi o externo, pois sua linguagem surge a partir da realidade da comunidade: realidade da exclusão social, do preconceito e da própria lgbtfobia.

Ainda sobre as variações linguísticas, a sociolinguística, segundo Gorski e Coelho (2010, p. 76), classificam-se em três tipos: a geográfica, a social e a estilística. Interessa-nos a variação social. Ela está relacionada à organização socioeconômica, cultural, ao gênero e idade do falante. Essa variante nos permite dizer que, quando um falante se comunica, por meio do seu jeito de falar, consegue-se identificar ao qual grupo pertence, qual a sua origem, confirmando que, assim como outros aspectos como o cultural, a língua marca seu falante, identificando como sendo de um determinado grupo. A exemplo disso, quando uma pessoa se refere ao termo “meme”, supõe-se que é uma pessoa jovem e que tem acesso à internet. Isso porque o meme é relativamente recente e originou-se nas redes sociais, principalmente, entre os jovens.

Sendo assim, o pajubá se caracteriza como dialeto, pois existe dentro de uma comunidade de fala, que está inserida dentro de uma comunidade maior: a do Português Brasileiro. Além disso, o pajubá é uma variação linguística social, pois está, diretamente, ligada aos gêneros dos seus falantes, bem como sua herança cultural e linguística advinda das religiões de matrizes africanas. Cabe ainda o conceito que Bakhtin (1997 *apud* MIOTELLO, 2008, p. 170) chama de “universo de signos”, que seria um conjunto de signos criados por determinado grupo social e tem o sentido sócio-histórico que recebe um juízo de valor, carregando em si uma certa ideologia. Dessa maneira, o pajubá se caracteriza como um univer-

so de signos que carrega o conjunto de ideias do grupo do qual faz parte. “O sujeito não se constitui apenas pela ação discursiva, mas todas as atividades humanas, mesmo as mediadas pelo discurso” Miotello (2008, p. 171). Ou seja, as relações de comunicação, entre pessoas de determinado grupo, constituem a subjetividade desses sujeitos por meio das relações que mantêm e por meio dos seus discursos. As pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, utilizando o dialeto, também constroem suas subjetividades enquanto sujeitos de um grupo.

Os dialetos e o contexto de comunidades

Faz-se necessário abordar, de forma breve, sobre a origem do Pajubá e como a comunidade criou seu vocabulário a partir da aproximação com as religiões de matrizes africanas. Ademais, é pertinente refletir sobre a Língua Iorubá, que é uma das poucas línguas dos povos de origem africana que permanece viva no Brasil, tanto dentro do contexto religioso, quanto nas influências que exerceu na Língua do Português Brasileiro.

O Iorubá: uma língua que sobrevive ao apagamento

O Iorubá advém dos povos que ocuparam a região da Nigéria e proximidades. No Brasil, os escravizados falantes dessa língua se concentraram, principalmente, em Salvador. E apesar da tentativa de apagamento, os costumes trazidos da África e deixados por eles ainda sobrevivem. São traços culturais muito evidentes, como as danças, comidas e religião. Além disso, as línguas africanas sobrevivem também por meio de rezas e cantigas dentro das religiões de matrizes africanas e também dentro de gêneros musicais em que se preservam as raízes africanas. Segundo Castro (2005):

O Iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no Sudoeste da Nigéria (Ijexá, Oió, Ifé, Ondô, etc.) e no antigo Reino de Queto (Ketu), hoje, no Benin, onde é chamada de Nagô, denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil (CASTRO, 2005, p. 3).

Ainda, segundo (CASTRO, 2005): o ladino⁷ e a mulher negra, a língua de santo e os mestiços foram fatores fundamentais para a aproximação das línguas africanas com o Português, pois foram nesses contatos que as diferentes línguas se uniram para formar o Português Brasileiro atual, destacando-se que há uma imposição da língua colonial sobre as línguas colonizadas. A autora ainda argumenta que houve uma interferência na fonologia e pronúncia, citando como exemplo a tendência que os falantes brasileiros têm de omitir consoantes finais das palavras. Por exemplo, na palavra “Brasil” comumente é pronunciado “Brasiu” e isso coincidiria com a estrutura silábica das palavras em Banto e Iorubá que nunca terminam em consoante. Confirmando que o PB (Português Brasileiro) recebeu influência das línguas de origem africana.

Alves (2017), em sua pesquisa sobre a construção da identidade afro-brasileira nos terreiros de candomblé da cidade de Juazeiro (BA), confirma como o Iorubá, encontra-se fortemente nas vivências das pessoas adeptas à religião. Em relação à permanência dos traços culturais, ela afirma que: “O conjunto de dispositivos identitários e culturais trazidos pelos povos africanos sobreviveu, de certa maneira, graças à reinvenção de suas práticas religiosas como o candomblé” (ALVES, 2017, p. 67).

Reinvenções essas que por muito tempo, foram sucumbidas pelo colonialismo que apaga identidades dos povos

⁷ Negros já aculturados, entendiam e falavam o português e possuíam uma habilidade especial na realização das tarefas domésticas.

que foram colonizados, impondo uma outra cultura, inclusive a de apagamento. Com isso, a língua originária se manifesta como um dos traços culturais mais identitários que existe; quando mantida pelos colonizados, surge como uma resistência. Então, o que os escravizados e seus descendentes fizeram e continuam fazendo para a preservação da sua língua original, de alguma maneira, é uma forma de resistência que se configura em um processo que pode ser ligado ao grupo LGBTQIA+, uma vez que a mesma resiste de diversas formas, impondo-se ao preconceito e exclusão que a sociedade com uma visão normativa lhe impõe. Esses grupos (negros escravizados, seus descendentes e LGBTQIA+) conseguiram resistir a esse processo de marginalização, também por meio da língua que utilizam. Especialmente, a Língua lorubá que, no meio religioso, é compreendida como uma ponte entre homem e divindade, com práticas de reinvenções, que fizeram com que essa língua permanecesse viva até hoje.

Mesmo que este estudo não tenha como objeto de estudo o contexto de línguas de matrizes africanas, como o exemplo do lorubá, não há como seguir com o recorte do Pajubá sem trazer essa Língua tão referente aos sujeitos que estamos tratando neste estudo. Isso justifica esse subtópico para a relevância das discussões sobre o dialeto Pajubá.

A origem do pajubá

Sob influência linguística, o Pajubá surge e se configura a partir da mistura de algumas línguas como o Francês, Línguas Indígenas e o lorubá. Esta última, em especial, é uma língua originária do Continente africano, trazida para o Brasil na época da escravidão. Hoje em dia, é utilizada, de maneira particular, nas religiões de matrizes africanas, como a exemplo do candomblé. Porém, há sinais evidenciados de que essa língua raiz seja utilizada também fora do contexto religioso,

uma vez que muitos de seus termos são utilizados pela comunidade LGBTQIA+, que obteve acesso à Língua Iorubá pela aproximação com as religiões também de matrizes africanas.

Para melhor compreensão do dialeto Pajubá, é necessária uma conexão entre a comunidade LGBTQIA+ e as religiões que utilizam o Iorubá em suas manifestações litúrgicas. O que conecta essas duas comunidades são as suas posições marginalizadas. Ambas sofrem com o padrão homogêneo da sociedade brasileira. Os contatos entre os terreiros e os LGBTQIA+ se deu fortemente com as pessoas trans e os travestis, que buscaram espaço para estabelecer suas relações sociais sem serem rechaçadas, um local onde pudessem ser quem são sem medos de julgamentos. Segundo Do Nascimento (2019).

O terreiro é um espaço cujas fronteiras estão em constante ameaça. Tais ameaças são relativas à construção deste espaço como subalterno e marginal a uma condição social hegemônica das religiosidades cristãs. Como espaço ameaçado também agrega sujeitos cujas suas corporeidades estão ameaçadas pelas relações normativas compostas como privilégios para se viver o espaço social (DO NASCIMENTO, 2019, p. 30).

As colocações acima contribuem para pensar que o dialeto Pajubá tenha surgido, principalmente, entre pessoas trans e travestis, pessoas que sofrem bastante com diversos tipos de violência. Inclusive, como coloca Nascimento (2019), corpos marginalizados tendem a procurar espaços marginalizados, pois, na teoria, esses espaços são mais abertos a diferenças, uma vez que também sofrem por serem diferentes e não se adequar a padrões impostos por uma sociedade eurocêntrica e de uma supremacia branca com pensamentos ainda colonizadores.

Junior (2018, p. 6) explica que o que colaborou com a criação do Pajubá foi “aproximação dos homossexuais nos Terreiros de Candomblé, já que existia aceitação no local”. Portanto, confirma-se que a Língua Iorubá influenciou fortemente a criação do dialeto utilizado pelo grupo. Logo, o dialeto Pajubá não surge apenas como um “jeito” de falar por determinada comunidade, mas sim, com fortes sinais indiciários de que possa ser “língua” secreta, que permite aos falantes evidenciar suas identidades. Seria uma forma de mostrar suas diferenças. Sendo assim, pode-se dizer que a língua atua como construtor de marcas identitárias. É por meio dos termos utilizados que as pessoas da comunidade podem ser quem elas são sem medos de represálias reafirmando suas identidades.

Pajubá: palavras ressignificadas

A partir do que foi dito ao longo deste trabalho, surge à necessidade de exemplificar como as palavras do pajubá foram ressignificadas pelo grupo LGBTQIA+ para que seja necessária uma breve abordagem sobre o que significam alguns dos diversos léxicos do pajubá, palavras inseridas, inicialmente, em um contexto religioso, depois apropriada como forma de resistência de população específica da nossa sociedade.

Foram escolhidas algumas palavras representativas de um dialeto pouco conhecido fora da comunidade LGBTQIA+ e das manifestações religiosas de matrizes africanas. Todavia, são léxicos importantes para evidenciar uma adequação representativa e de reexistência em contextos diferentes do originário. Vale destaque que os significados das palavras foram retirados do “Aurélia”, que é um dicionário do pajubá, criado por um jornalista, e de um dicionário Iorubá, online.

De início, destaca-se o próprio termo “Pajubá”, que no Aurélia significa “Baseada nas línguas africanas empregadas pelo candomblé, é a linguagem praticada, inicialmente, pelos

travestis e, posteriormente, estendida a “todo universo gay”. Enquanto em lorubá, a palavra significa “segredo”. Ou seja, ela foi retirada dos terreiros de candomblé e adaptadas à realidade das primeiras pessoas que falaram o dialeto: trans e travestis.

Essa variante dialética surge como uma forma secreta de se comunicar, de certa maneira, não perde sua tradução literal. Outra palavra que mantém o mesmo significado é “llé” que em tanto em Pajubá, como em lorubá, significa “casa”. Temos também: “Orum” e Olorum”. A primeira em Pajubá significa “céu”, ela perdeu algumas letras da sua forma original, mas mantém uma sinonímia, pois, em lorubá “Olorum” significa “reino de Deus”. Outra palavra que mantém relação de sinonímia é “Ere”, tanto no Pajubá quanto no lorubá, estão ligadas ao mundo infantil, as crianças.

Assim como “orum” perdeu algumas letras quando foi inserida no Pajubá, o termo “mitorô” também sofreu essa alteração. Enquanto que, em lorubá ela é escrita “mitóróró”, nos dois contextos tem a mesma tradução: “urinar”, mas em Pajubá a palavra fica sem os dois “róró” e o acento é modificado. Das palavras aqui selecionadas, a que teve um notável contraste entre a original e a adaptada foi a palavra “Edi” (pajubá); em lorubá ela é escrita “Èèdi” e significa “encantar/feitiço”. No pajubá, passa a ter um uso diferente, significando “ânus”. Não se sabe ao certo o porquê da associação das suas palavras, porém devido ao sexo anal ainda ser um tabu e de algum modo, ainda, ser considerado como “prêmio”, as duas passaram a se correlacionar.

Alves (2017), no seu artigo sobre o lorubá diz que:

Percebemos, assim, que os elementos da língua yourubá, de alguma forma define a nação do terreiro, na sua maioria ketu, herança dos negros africanos trazidos para o Brasil na condição de escravos, se mantêm vivos, em parte, ressignificados, e são aprendidos pelos integrantes da comunidade do

candomblé dessa região do Sertão pela tradição oral e constitui elemento fundamental na afirmação da identidade negra ligada ao candomblé (ALVES, 2017, p. 72).

Ou seja, esse conjunto de vocábulos, assim como para os praticantes do candomblé, quanto para os LGBTQIA+, dá uma noção de pertencimento por meio da linguagem utilizada, ao passo que permite que essa herança africana permaneça viva através da oralidade. E ainda, é uma fundamentação para reafirmação das suas identidades, enquanto sujeitos fragmentados que, recebem diversas influências, nesse processo de afirmação do eu.

No seu artigo sobre o percurso semântico do pajubá, Junior (2018), nos diz que:

A análise de alguns vocábulos permitiu ver que não há mudanças profundas na maioria das palavras utilizada na pesquisa em relação ao percurso semântico da expressão desde sua língua de origem até o pajubá. Porém, as mudanças são significativas quando colocadas de um ponto de vista de falantes da língua portuguesa que não estão inseridos dentro dos nichos que utilizam esse tipo de comunicação (JUNIOR, 2018, p. 15).

A relação entre pajubá/lorubá se dá de maneira notável, porém não há muitas diferenças no que diz respeito as palavras comum a ambos. E os fatores que influenciam nessas mudanças são: os falantes, e a língua maior. O povo originário, que primeiro falou o lorubá, é falante que se difer dos falantes da comunidade LGBTQIA+, portanto isso influencia diretamente em como as palavras vão ser colocadas num contexto de comunicação. Além do que, a língua em que o pajubá está inserido, é a Língua Portuguesa, o que também vai influenciar nessas adaptações dos vocábulos. Por fim, essa pequena demonstração, evidencia como os vocábulos do pajubá estão diretamente ligados às palavras em lorubá,

sendo ressignificadas e adaptadas a uma realidade diferente e às vivências dos falantes.

Uma paisagem metodológica

Para construção deste trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa, que, segundo Moresi (2003), é aquela que considera a relação entre sujeito e o mundo; o objetivo e subjetividade do sujeito não podem ser traduzidos em números. Baseada na interpretação tem como foco principal o processo e seu significado. Os métodos qualitativos são utilizados para estudos de natureza social.

A compreensão do contexto social e cultural é de suma importância para esse tipo de pesquisa. No caso deste artigo, busca-se compreender o contexto social e cultural de um grupo (LGBTQIA+) por meio de um dialeto, que ressignificou a cultura de outro grupo (Grupos religiosos de matrizes africanas). Os métodos qualitativos estão ligados à observação aos registros e análises reais entre pessoas, e entre pessoas e sistemas. Em relação aos fins da pesquisa, ele será de caráter exploratório, pois visa tentar explicar fenômenos existentes dentro da Língua Portuguesa do Brasil.

Quanto à coleta de dados, realizou-se por meio de um questionário online pelo aplicativo *Google Forms*, contendo no seu corpus questões de cunho individual, porém sem nenhum tipo de identificação, sobre a comunidade LGBTQIA+ e sobre o dialeto Pajubá. Portanto, para responder ao questionário, os participantes não precisaram se identificar, pois acredita-se que, assim, as pessoas se sentiriam mais confortáveis para falar sobre sua sexualidade e experiências. Por outro lado, estamos vivenciando um contexto atípico e complexo devido ao distanciamento físico entre as pessoas, o que impossibilitou uma pesquisa aplicada no campo e entre os sujeitos de maneira mais interacional. Porém, os instrumen-

tos utilizados atenderam às demandas que este estudo tem como proposta.

A análise de dados foi realizada seguindo o que Miles & Huberman (1984, *apud* MORESSI, 2003, p. 72) definem como atividades interativas da pesquisa qualitativa: redução de dados, processo contínuo de seleção e simplificação; apresentação dos dados, refere-se à organização dos dados para que as decisões e conclusões sejam tomadas; por último, delineamento e verificação de conclusão — identificação de padrões e possíveis explicações para o objeto de pesquisa.

Os dados organizados nos levam a pensar pelo viés da pesquisa-ação, uma vez que estamos tratando do Dialeto Pajubá; as marcas de identidades e a comunidade LGBTQIA+ e, mesmo sem uma identificação dos participantes, houve uma contribuição da comunidade usuária do Dialeto Pajubá para com este estudo, uma vez que esta pesquisa tem possibilidades de ecoar vozes silenciadas, que estão configuradas em um dialeto restrito aos participantes dessa variação linguística, não por egoísmo, mas como forma de expressão, manifestação e resistência.

Além disso, também nos valem da pesquisa-ação. A escolha por esse tipo de pesquisa se deu pela sensibilidade com a comunidade e porque as comunidades que são marginalizadas precisam de mais reconhecimento acadêmico. Ademais, esse método ajudou na obtenção de um melhor resultado para o que foi pesquisado, uma vez que o método da pesquisa-ação utilizado é baseado na experimentação social, que não diz respeito à experimentação científica, mas sim nas experiências concretas de um grupo (BARBIER, 2004, p. 43). No caso do grupo aqui estudado, a experiência concreta seria a convivência com o pajubá e as marcas identitárias que surgem a partir dessa vivência. Inclusive, por estar implicada nesse objeto de estudo, não como sujeito pertencente

às marcas específicas dessa comunidade, mas como sujeito que interage com muitas pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Esse tipo de pesquisa visa, portanto, a mudança de atitudes e práticas em relação àquilo que está sendo pesquisado, visa a contribuição para com o público-alvo da pesquisa. Espera-se que, com este trabalho, a comunidade LGBTQIA+ e seus contextos sejam mais presentes em discussões de estudos acadêmicos, que possam reconhecer que, dentro da comunidade existe uma fonte riquíssima de pesquisa científica condizente com temas atuais. No mais, a pesquisa-ação, quando trabalhada necessita, de um retorno para o grupo que foi pesquisado. Neste caso, será feita uma roda de conversa, online, com pessoas que se identificam como LGBTQIA+, para falar sobre o trabalho e darem suas opiniões acerca do assunto.

A construção de marcas identitárias por meio da língua

Este tópico dedica-se a analisar os dados que foram coletados por meio de um questionário. Nesse questionário, foram feitas perguntas sobre a comunidade LGBTQIA+, sobre como ser um LGBTQIA+ auxilia na construção de marca identitária dessas pessoas e sobre o pajubá. Ao todo foram 66 respostas, respondidas anonimamente, pois, devido ao pouco tempo para a finalização do trabalho e a pandemia, não foi possível fazer a identificação; porém, isso não prejudicou o resultado final do trabalho.

Dessas 66 pessoas: 9 se identificaram como lésbicas, 28 como gays, 20 bissexuais, 1 como travesti/transsexual, 6 como assexuais e 2 como +. Dessas 66 respostas, 28 foram entendidas como adequadas para o trabalho. A escolha das respostas para análise foi feita pelo critério de exclusão e inclusão: aquelas que mais se encaixam na proposta do artigo foram escolhidas, e as que não, foram excluídas. Foi utilizado esse critério, pois houve muitas respostas inadequadas. Entre

essas 28 respostas, identificam-se como bissexuais 8 pessoas, gay 18 e lésbicas 2. Esta análise baseia-se nas ideias de Hall (2006) sobre a emergência e fragmentação da identidade do ser moderno, apoia-se também nas ideias de Woodward (2000) sobre identidade e diferença, em Ribeiro (2017), trazendo a ideia de lugar de fala para o contexto deste trabalho, uma vez que as pessoas que responderam ao questionário estão no seu lugar de fala. E ainda, questões linguísticas no sentido que a identidade está ligada à língua dos falantes. Cabe ainda, fazer uma pequena diferenciação entre sexo, sexualidade e identidade de gênero, mesmo não sendo esse o foco deste estudo, mas são temas aqui presentes.

Sexo, sexualidade e identidade de gênero

Temas que surgem com a chamada sociedade pós-moderna estão presentes em estudos sobre gênero que foram debatidos como temas contemporâneos a partir da década de 1960. Emerge justamente com as lutas feministas e os movimentos sociais negros. Mesmo com o passar do tempo, ainda, há muitas dúvidas sobre o que realmente seria gênero, sexo e sexualidade. Este tópico explicará de maneira breve a diferença entre os três. A necessidade da formulação deste tópico se dá devido o tema deste trabalho está diretamente relacionado às questões de sexualidade e identidade de gênero. Primeiro, vamos à definição de sexo. Parafraseando Grossi (1998), sexo é a uma ilustração das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Ou seja, está relacionada à parte biológica e não social. Já a sexualidade, seriam as práticas afetivas-sexuais. Ela nada tem a ver com identidade de gênero, pois um homem pode se identificar como mulher, e mesmo assim, manter relações afetivas e de cunho sexual com outra mulher. A identidade de gênero, então, seria como a pessoa se identifica quanto aos gêneros masculino e feminino. Diferente do sexo, não é biológico, e sim, social, "identidade de gênero é uma categoria pertinente para pen-

sar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada” (GROSSI, 1998, p. 12). Em suma, porque os comportamentos tanto de homens quanto das mulheres são construídos pela sociedade e pelo convívio em grupo.

Pajubá como dispositivo na construção das marcas identitárias lgbtqia+

A princípio, é importante ressaltar a ideia de lugar de fala desses respondentes. As suas respostas são levadas em consideração, tendo como base a ideia de que, como são pertencentes à comunidade LGBTQIA+, eles conhecem e convivem com a realidade da mesma. Ribeiro, (2020, p. 60) diz que “Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social ocupado por certos grupos restringe oportunidades.” Ou seja, o lugar de fala perpassa o individual e o coletivo. São pessoas pertencentes a um mesmo grupo, passando por experiências parecidas, mas com suas individualidades. Portanto, as respostas serão analisadas pensando que, apesar de serem da mesma comunidade, cada uma enxerga a presença do pajubá de uma maneira e tem, por consequência, contato com o dialeto por meios diferentes.

Das perguntas contidas no questionário foram selecionadas três, pois acredita-se que elas melhor se encaixam na proposta das análises: As perguntas são: “Como se deu o seu primeiro contato com o pajubá?”; “Você o utiliza no dia a dia?”; “Acredita que o dialeto pajubá é uma marca identitária? Justifique”. Como citado, as respostas foram analisadas, considerando os falantes, baseadas nos pressupostos de identidade e da sua relação com a língua.

Para melhor compreensão, organizamos os dados por categorias, considerando os resultados obtidos com base nas respostas analisadas durante o processo, seguindo assim quadros de categorização. O primeiro quadro contém as res-

postas para a primeira pergunta, o segundo para a segunda e o terceiro para a terceira pergunta mencionada acima. Quanto à identificação do sujeito, foram 2 G (gays) nomeados de G1 e G2 e um B (bi).

Identificação	Os primeiros contatos com o Pajubá
G1	"Primeiramente, Através da internet. Em comunidades virtuais, redes sociais, memes; e posteriormente, através de pessoas de dentro da comunidade LGBTQIA+."
G2	"Através de amigas trans, que já tinha(tem) acesso a esse dialeto. Assim houve inquietações que me levaram a estudar e conhecer mais sobre esse dialeto."
B1	"Dentro do movimento social, primeiramente ouvi alguns termos, mas acreditava ser gíria, até que ouvi um amigo falando sobre o termo Pajubá e fui procurar entender o que seria."

Na primeira resposta, G1 traz uma questão muito interessante: o poder das mídias sociais para a disseminação de informações, nesse caso, a disseminação de um dialeto. Hall (2006, p. 67) relata que a globalização permite que as pessoas vivam experiências mais interconectadas, quer dizer, essa emergência das redes sociais permite que as informações sejam passadas muito mais depressa e numa escala maior, fazendo com que muitas pessoas tenham acesso a ela ao mesmo tempo, permitindo que algo saia do seu contexto original e passe por diversas outras comunidades.

Identificação	A utilização do Pajubá no cotidiano
G1	"Sim"
G2	"Sim"

B1	"Sim"
----	-------

Identificação	Pajubá: potencializador de marcas identitárias
G1	"Sim. Ela é uma marca que permite o fácil reconhecimento do pertencentes que a sigla engloba."
G2	"Sim. É um divisor de águas. E a partir deste, que se delinea sua inserção no exercício de sujeito ativo, tanto cultural, quanto politicamente. Assim, articulando em amplas relações, em cada uma das formas de estar em diferentes contextos de incorporação de identidade, valores, nomes, gêneros."
B1	Sim, pois é próprio de uma comunidade e possui influências do yoruba, dialeto africano mantido nas religiões de matrizes africanas no Brasil."

Se levarmos em consideração o que diz Woodward (2000) sobre identidade:

Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa. O cigarro funciona, assim, neste caso, como um significante importante da diferença e da identidade e, além disso, como um significante que é, com frequência, associado com a masculinidade assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social (WOODWARD, 2000, p. 10).

Fazendo-se uma analogia entre a resposta de G1 e o que foi dito pela autora, pode-se dizer que, ao utilizar o pajubá, as pessoas são marcadas como sendo de uma determinada comunidade, e conseqüentemente é criado um processo

de construção simbólica e social dessa identidade. A autora também defende que “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14). Essa a afirmação que pode facilmente ser relacionada à resposta 3, pois G1 afirma que o dialeto marca as pessoas do grupo; por conseguinte, isso os diferencia dos outros, pois a associação entre dialeto e comunidade já está estabelecida no imaginário das pessoas.

O que ocorre quando as pessoas utilizam o pajubá é uma identificação que corrobora com a criação/manutenção de uma marca identitária. Cabe ainda a discussão que o autor faz sobre as políticas de identidade: “Cada movimento apelava para a identidade social dos seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas e assim por diante” Hall (2006, p. 45).

A resposta do G2 se relaciona diretamente com a citação acima, pois está inserido em grupo e fazer uso dos costumes desse grupo de alguma maneira corrobora com a identidade desses sujeitos e, ainda, faz com que eles, como pessoas pertencentes a um grupo marginalizado, sejam ativos na luta contra a marginalização estabelecida. Então, o pajubá se consagra como um dos símbolos de resistência desse grupo. Ainda na resposta 3, quando ele diz “em cada uma das formas de estar em diferentes contextos de incorporação de identidade, valores, nomes, gêneros” traz a ideia que Hall discute, o sujeito como ser descentralizado, buscando em suas vivências e em diferentes contextos a sua identidade.

Diante do que foi dito, o pajubá é além de uma forma de resistência, algo que une esse grupo para lutas contra o poder estabelecido, e é a celebração da singularidade tanto

da própria comunidade LGBTQIA+, como também das heranças que ele traz no seu corpus.

A resposta destacada de B1 aborda a questão do lorubá, principal influenciador do pajubá. Logo essa pessoa tem conhecimento de que aqueles termos foram ressignificados de outras comunidades. Woodward (2000, p. 19) diz que: “A identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora”. O pajubá é a representação primorosa desse entrelace entre passado e presente, uma vez que seus termos são bem mais antigos do que a própria escravização do povo Ketu e, por meio desse entrelace, tanto as pessoas que são da comunidade LGBTQIA+, quanto as religiões de matrizes africanas, criam sua marca identitária, utilizando-se de um traço cultural do passado.

Diante do que foi discutido no tópico anterior, nota-se que os conceitos de identidade e diferença e o ser descentralizado são perfeitamente ligados ao contexto do pajubá. O fato de esse dialeto ser uma mistura de línguas e trazer no seu corpus, principalmente, uma língua que sofreu uma tentativa de apagamento, mas que conseguiu resistir, associa-se à seguinte fala de Hall (2006):

A língua é sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2006, p. 40).

Existe, dentro do pajubá, essa imensa gama de significados, pois é um dialeto que surge como uma forma de resistir à violência imposta às pessoas que pertencem à comunidade e sofrem com a vulnerabilidade, as trans e os travestis. Ele carrega também significados de outros grupos, o povo

Ketu e as religiões de matrizes africanas. Então, está emergindo em contextos culturais muito específicos.

Considerações finais

Ao observar o percurso que o estudo sobre Pajubá e suas possíveis influências nas marcas de identidades e subjetividades da comunidade LGBTQIA+, chegamos às nossas palavras finais com considerações relevantes para um delinear de uma pesquisa que não se finda por aqui. Na verdade, estamos tratando de um início de uma prolifera discussão, uma vez que se nota que a comunidade, mesmo não tendo um conceito sistematizado, existe a consciência sobre a existência do dialeto e, por vezes, as redes sociais foram de suma importância para maior disseminação e uso do pajubá.

Conclui-se, assim, que este estudo se dedicou a estudar o dialeto pajubá como marca identitária da comunidade LGBTQIA+. Após a finalização das interpretações, acreditamos que tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos foram alcançados, pois as respostas evidenciam a resolução da problemática e com isso inclui os objetivos. Os dados foram satisfatórios para a proposta inicial do trabalho e contribuíram significativamente com a sua construção. É importante mencionar que, em toda coleta de dados e no processo de análise, foi feita de maneira imparcial, considerando apenas as respostas dos sujeitos da pesquisa e o seu lugar de fala enquanto pessoa LGBTQIA+.

Ressaltamos também que o objetivo deste trabalho não é determinar que a identidade desses sujeitos se dá apenas por eles serem LGBT, mas que suas vivências em comunidade e em contato com o pajubá corrobora na criação de marcas identitárias diversificadas dessas pessoas. Não existe apenas uma forma de se construir uma identidade; os sujeitos estão a todo momento em contato com diversas situações que os favorecem nessa construção. Vale, ainda, falar

do dialeto no contexto sociolinguístico e apoiar-se na ideia de língua enquanto marca de um povo.

Por fim, este trabalho mostra-se relevante, pois é de suma importância pesquisar os diferentes tipos de dialetos existentes no Brasil, e como esses dialetos aparentam ser para as pessoas que os utilizam. E, ainda, esperamos que mais trabalhos como esse sejam desenvolvidos e que os olhos da academia se voltem para comunidades como LGBTQIA+ e possam enxergar como fonte rica de produção de conhecimento.

Referências

ALVES, Maria Rosa Almeida. *A tradição oral na construção da identidade afro-brasileira nos terreiros bandalecongo e unzó congo mutalenguço em Juazeiro-ba*. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Departamento de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – Ppgesa/Uneb, Juazeiro, 2017.

ALVES, Maria Rosa Almeida; MARQUES, Dr Juracy. Africanidade e identidade yorubá nos terreiros do sertão: a força da tradição oral. *Revista de Educação do Vale do São Francisco-REVASF*, v. 6, n. 10, p. 65-74, 2017.

AUGUSTTA GOMES, Regina. *Dicionário Yorubá/Português*. 5. ed. [S. l.]: Umbanda-candomblé, 2017. Disponível em: <http://umbanda-candomble.comunidades.net>. Acesso em: 10 maio 2021.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2008.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2004.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador (Org.). *Pasta de textos da professora e do professor*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião Josué. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 73-91, fev. 2010.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão*, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MIKHAIL MIKHAILOVICH, Bakhtin. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins, 2011. 512p.

MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael. Drawing valid meaning from qualitative data: Toward a shared craft. *Educational researcher*, v. 13, n. 5, p. 20-30, 1984.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BETH BRAIT. *Bakhtin: conceitos-chaves*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MORESI, Eduardo. *Metodologia da Pesquisa*. Pró-reitora de Pós-graduação. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. MORESI, Eduardo (Org.). Brasília – DF. 2003. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisaMoresi2003.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2020.

NASCIMENTO, Taiane Flôres do; COSTA, Benhur Pinós da. O terreiro de religiões de matriz africana como espaço marginal e possível à vivência de pessoas travestis. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 3, n. 41, p. 25-36, 2019.

NETTO JUNIOR, Neurivan Gonçalves. *O percurso semântico de alguns vocábulos do pajubá: gírias faladas pelas bichas*. 2018. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras — Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

POSSENTI, Sírio. *Por que não ensinar gramática na escola*. 6 ed. São Paulo: Mercado de letras, 1996.

RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de Fala*. São Paulo: Jandaia, 2020.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu SILVA (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

[Recebido: 14 jun. 2021 — Aceito: 10 out. 2021]